

DOIS DEDOS DE

# PROSA



Nº105 Recife|PE Março|2023

## ENTREVISTA: Feminismo indígena estudo e ancestralidade

A jornalista Rosa Sampaio conversou com Elisa Pankararu, ativista indígena da etnia Pankararu e antropóloga que há mais de dez anos, fala sobre a luta dos povos e sobre a desigualdade de gênero e a trajetória em defesa da existência de um feminismo indígena.

Leia as entrevistas completas na páginas 4 e 5



**Mulheres, Feminismo e Desigualdades**

Página 2



**Desafios da mulher na ciência**

Página 6



**Semiárido e a luta das mulheres diante das mudanças climáticas**

Página 7

Como seria um mundo melhor para as mulheres? Seria um mundo onde o cuidado com a vida fosse reconhecido como prioridade e ninguém vivesse sobre nenhuma forma de opressão. Mas num Brasil contemporâneo que ainda traz muito das mazelas da colonização como o machismo, o racismo, a misoginia e a LGBTfobia ainda temos uma longa estrada a percorrer para que todas as mulheres estejam seguras e livres de todas as violências.

Por isso, mais uma vez neste Dois Dedos de Prosa de março a Pauta está com as mulheres. São Elisás, Paulas, Cidas, Marias, Rosas e Adrianas que a partir de suas escritas problematizam estas opressões e traçam caminhos para um outro mundo possível, pois como diz Elisa Pankararu "não se combate um problema sem falar do assunto, sem trazer para a pauta do dia a raiz da questão".

Esse DDP também traz denúncias e também anúncios a partir de iniciativas e notícias daqui e do planalto central. São vozes de esperança que nos animam, mas precisaremos estar atentas e na luta, como sempre!

Boa leitura.

**Maria Cristina Aureliano**

Coordenação Colegiada do Centro Sabiá

## Mulheres, Feminismo e Desigualdades

Por Paula Ferreira

Pedagoga, ativista da Rede Malala. Integrante do Comitê Pernambucano da Campanha Nacional Pelo Direito à Educação

Acervo Paula Ferreira



**T**er um corpo negro em uma sociedade com pilares racista e machista, fruto das desigualdades social, é um desafio que traz, historicamente, consequências na vida das mulheres negras, que lutam pela existência e sobrevivência, em função das barreiras impostas a elas até hoje. O Brasil foi construído explorando vidas negras e continua mantendo a cultura da violência pela opressão patriarcal, decorrente da colonização, onde perpetua as desigualdades de classe, gênero e raça. As mulheres negras, indígenas e quilombolas não têm, até então, condições de acesso a direitos, como educação de qualidade, moradia digna, boa remuneração, assistência à saúde, cultura e tantos outros. Como mulher preta sinto na pele, no corpo e na alma as consequências de uma sociedade que nega a minha própria existência, forçando-me, por muito tempo, a negar a minha identidade, o que eu sou, isso acontece lamentavelmente com muitas mulheres pretas. Não é à toa que os nossos corpos continuam

sendo objetificados. Como pensar em democracia se as mulheres não conseguem viver sua liberdade plenamente pelo simples fato de serem mulheres? Apesar de reconhecer os avanços, ainda é preciso, enquanto país civilizatório, construir bases para uma sociedade verdadeiramente democrática, antirracista, não sexista e que compreenda e valorize as mulheres nas suas pluralidades. É papel do Estado garantir e oportunizar às mulheres as mesmas condições de igualdade que são garantidas aos homens, conforme a Constituição Federal de 1988, possibilitando e reparando inclusive as injustiças sociais que foram e continuam sendo prejudiciais à população negra. É fundamental que as crianças negras, em especial as meninas, possam ter acesso a uma educação que ajude a formar a consciência racial para serem o que quiserem e que não precisem esperar 26 anos para se reconhecer como uma mulher negra. Aprendemos com os nossos ancestrais a sermos resistência!

### Expediente:

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Rua do Sossego, 355, Santo Amaro, Recife/PE - CEP: 50100.150 - Fone: (81) 3223.7026 e (81) 3223.3323 - Email: [sabia@centrosabia.org.br](mailto:sabia@centrosabia.org.br) - [www.centrosabia.org.br](http://www.centrosabia.org.br) - DIRETORIA - Presidenta: Edna Maria do Nascimento Silva. Vice-presidenta: Sônia Lúcia Lucena Sousa de Andrade. Secretária: Joana Santos Pereira. Conselho Fiscal: Maria Verônica de Santana, Marilene Nascimento Melo e Tone Cristiano Feliciano da Silva. COORDENAÇÃO COLEGIADA - Coordenador Colegiada: Carlos Magno de Medeiros Moraes e Maria Cristina Aureliano de Melo. EQUIPE TÉCNICA NOS TERRITÓRIOS: Antônio Bezerra Jr., Cleide Amador, Edgar Caliente, Eliane Nery, Jefferson Vasconcelos, Juliana Peixoto, Nicléia Nogueira, Orlando Santana, Raimundo Bertino, Rivaneide Almeida, Simone Arimatéia. EQUIPE ADMINISTRATIVO FINANCEIRA: Demetrius Falcão, Elivânia Leal, Iran Severino, Ivanildo Júnior, Jullyana Lucena, Natália Porfírio, Pedro Eugênio e Vânia Luiza. NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO: Carol Barreto, Darliton Silva, João Lucas França, Maria Letícia Menezes (estagiária) e Rosa Sampaio. NÚCLEO DE MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS: Breno Lacet. ASSESSORIAS: Aniérica Almeida (Agricultura Urbana) e Janaina Ferraz (Juventudes). O Trabalho do Centro Sabiá recebe apoio das seguintes organizações: Misereor/KZE, Terre des Hommens Schweiz, Cáritas Alemã, Manos Unidas, Progettoomondo, Inter-American Foundation (IAF), BNDES, Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (ANATER), Fundo Estadual de Meio Ambiente/Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade de Pernambuco (FEMA/SEMAS). EDIÇÃO: Rosa Sampaio DRT/PE: 3510 PROJETO GRÁFICO: Kelen Linck. DIAGRAMAÇÃO: Carol Barreto. IMPRESSÃO: MXM Gráfica e Embalagens Ltda. TIRAGEM: 1000 (hum mil) exemplares.

Apoio: **MISEREOR**  
IHR HILFSWERK

Redes e articulações:



# Ministério das Mulheres e as novas medidas do Governo Lula compromisso com os direitos de todas

Por Rosa Sampaio

Jornalista do Centro Sabiá com informações da Secretaria de Comunicação da Presidência da República (SECOM)

Ricardo Stuckert/Divulgação

**2**023 começou com a posse do Presidente Lula e o início do seu novo governo. Dentre tantas expectativas, a criação do Ministério das Mulheres nos alentou pelo descaso com a pauta feminina nos últimos quatro anos, além da nomeação no primeiro escalão de onze mulheres aos ministérios como dos Povos Indígenas, Igualdade Racial, Meio Ambiente, Saúde, Esporte, Cultura, Turismo, Ciência e Tecnologia, Gestão e Inovação, Planejamento e claro o de Mulheres com Cida Gonçalves a frente. Ao que tudo indica as políticas para as mulheres estarão em alta no novo governo Federal, junto com a primeira dama, Janja, e com as ministras e ministros, o presidente Lula anunciou, em uma cerimônia no Palácio do Planalto, medidas e compromissos com a pauta, no Dia Internacional da Mulher. Segundo o governo no mesmo evento, as medidas, juntas, representam um investimento de R\$ 960 milhões do orçamento público apenas este ano.

## ECONOMIA E TRABALHO

**Igualdade salarial** – Um Projeto de Lei será enviado ao Congresso Nacional tornando obrigatória a igualdade salarial entre homens e mulheres que exerçam a mesma função. O país vai aderir à Coalizão Internacional de Igualdade Salarial, que envolve entidades como a OIT, a ONU Mulheres e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

**Combate ao assédio** – O Governo Federal vai ratificar a Convenção 190 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), primeiro tratado internacional a reconhecer o direito de todas as pessoas a um mundo de trabalho livre de violência e assédio, incluindo violência de gênero.

**Mulheres do campo** – O programa Organização Produtiva Econômica das Mulheres Rurais vai lançar um edital de assistência técnica rural para mulheres do campo com R\$ 50 milhões de investimento e perspectiva de atender até 20 mil agricultoras. O Banco do Brasil terá cinco carretas do Agro Mulher para percorrer o país com oferta de crédito diferenciado para mulheres, serviços financeiros e capacitação para pessoas físicas e jurídicas.

**Mulheres da periferia** – A Caixa promove o Mulheres na Favela, qualificação de mulheres em três laboratórios de inovação social no Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador.



**Startups** – O BNDES, por sua vez, destaca o Projeto Garagem, com aceleração de startups lideradas por mulheres.

## COMBATE À VIOLÊNCIA

**Ligue 180** – A Central de Atendimento à Mulher (180) está sendo reconstruída. É possível registrar denúncias contra qualquer tipo de violência de gênero e ligação é gratuita de qualquer lugar do país, e o serviço funciona 24 horas por dia.

**Viaturas e Casas da Mulher Brasileira** – O programa Mulher: Viver sem Violência foi recriado, com a implantação de 40 unidades das Casas da Mulher Brasileira, com recursos do Fundo Nacional de Segurança Pública e investimento de R\$ 372 milhões. O mesmo programa garante ainda a doação de 270 viaturas para a Patrulha Maria da Penha, em todos os estados.

**Apoio às vítimas** – Decreto prevendo a regulamentação da cota de 8% da mão de obra para mulheres vítimas de violência em contratações públicas na administração federal direta, autarquias e fundações.

**Dia Nacional Marielle Franco** – A data foi instituída e passa a ser lembrada todo 14 de março, dia em que a vereadora do Rio de Janeiro foi assassinada, em 2018.

**Mais respeito** – Será lançada também a política de enfrentamento ao assédio sexual e moral e discriminação na administração pública federal.

## SAÚDE

**Dignidade menstrual** – Decreto com o compromisso de distribuição gratuita de absorventes no Sistema Único de Saúde (SUS).

**Equidade** – Também foi criado um programa de equidade de gênero e raça entre os servidores do SUS.

## EDUCAÇÃO

**Mais creches** – Retomada das obras de 1.189 creches que estavam com o andamento paralisado.

**Formação** – Serão asseguradas vagas em cursos e programas de educação profissional e tecnológica para 20 mil mulheres em situação de vulnerabilidade nos próximos dois anos.

## ESPORTE

**Mães esportistas** – Decreto que determina a licença-maternidade para integrantes do Bolsa Atleta.

## CULTURA

**Cineastas** – O Edital Ruth de Souza de Audiovisual vai dar suporte a projetos inéditos de cineastas brasileiras para realização do primeiro longa-metragem. São R\$ 10 milhões em investimentos.

**Escritoras** – Outra linha de ação é o incentivo à literatura, com R\$ 2 milhões no Prêmio Carolina Maria de Jesus, para livros inéditos escritos por mulheres.

## PESQUISA

**Cientistas** – Decreto institui a Política Nacional de Inclusão, Permanência e Ascensão de Meninas e Mulheres na Ciência, Tecnologia e Inovação. A estimativa é de que haja uma chamada pública do CNPq de R\$ 100 milhões, voltada para mulheres nas ciências exatas, engenharia e computação.



DOE AGORA E  
TRANSFORME VIDAS



# Feminismo indígena: estudo e ancestralidade

ENTREVISTA COM ELISA PANKARARU

**A**tivista indígena da etnia Pankararu e antropóloga que há mais de dez anos participa de movimentos do campesinato, indígena e das mulheres. Nesta conversa, com a jornalista Rosa Sampaio do Centro Sabiá, Elisa falou da luta dos povos e sobre a desigualdade de gênero e a trajetória em defesa da existência de um feminismo indígena.

**Dois Dedos de Prosa** - Para começar, explica pra gente o que é feminismo indígena?

**Elisa Pankararu** - Sou umas das pioneiras no Brasil a falar sobre feminismo indígena. Enquanto mulher indígena, eu vou buscar inspiração a partir do meu povo, do território do qual pertencço. Quando estava pesquisando para a minha dissertação, de fato não havia nenhuma bibliografia, nenhum material escrito no Brasil que tratasse do assunto. Um amigo professor me apresentou material sobre feminismo comunitário, da Julieta Paredes, indígena do povo Aimará, da Bolívia. Na qualidade de mulher indígena, me sinto à vontade para falar do assunto, eu considero a palavra feminismo hoje, uma palavra de domínio público, sendo assim, vou buscar elementos para a minha composição, que é do meu lugar de fala, que é da convivência, desde a minha infância, com mulheres especiais do meu povo, que considero de tradição matriarcal, porque na história tem importantes mulheres, que mesmo que tenham passado pela vida terrena há 100, 200 anos atrás, elas continuam fazendo parte da história atual Pankararu, continuam orientando e sendo exemplos. Eu convivi com mulheres sábias, detentoras, zeladoras e guardiãs dos saberes tradicionais. Parteiras, rezadeiras, curandeiras, mezinheiras, conselheiras, lideranças, caciques, profissionais de saúde e educação. Mas também convivi e convivo com mulheres que vivem em contexto de subalternidade. A minha conceituação vem por meio da ação, onde há a participação dessas mulheres, desde os espaços e rituais sagrados, no chão das aldeias, nas retomadas, até nos movimentos. Tenho muita tranquilidade de falar do feminismo indígena, porque eu busco na minha essência, na minha ancestralidade, compre-



Acervo APOINME

**«Tenho muita tranquilidade de falar do feminismo indígena, porque eu busco na minha essência, na minha ancestralidade, compreendendo o meu contexto, o meu percurso, de quem vem antes de mim, do que vivo e vivi.»**

endendo o meu contexto, o meu percurso, de quem vem antes de mim, do que vivo e vivi.

**DDP- Atualmente a falta de estudo sobre o tema ainda é uma realidade?**

**Elisa** - Eu vejo que hoje tem ampliado a discussão sobre as mulheres indígenas, bem como a saída das mulheres da invisibilidade, de 2017 prá cá. Também com o aumento das mulheres na academia, nos mestrados e doutorados, essa presença tem dado uma visibilidade maior ao tema, mas também essas mulheres vêm anunciar e denunciar as violações dos seus direitos, dos seus territórios.

**DDP- Como o feminismo indígena é entendido pelas demais mulheres Pankararu?**

**Elisa**- É mais comum no Brasil falar mais a palavra machismo, do que sobre o feminismo. Então falar feminismo no Brasil, em todos os contextos e em todas as sociedades, é difícil, pois o termo é visto de forma preconceituosa. E nas comunidades indígenas esse termo vai ser pouco usado, por se tratar de uma palavra muito acadêmica ou dos movimentos feministas. A gente sabe que as mulheres que se dizem feministas são discriminadas, são vistas de forma pejorativa. No meio indígena, destaco a subjetividade como essas mulheres vão conduzindo seu povo, a sua autoridade, junto a homens e mulheres do seu território. Então é a ação que é mais importante que a palavra. Considerando esse feminismo enquadrado, o indígena vai trazer isso de forma ancestral, refletindo as violações da colonização, dos nossos corpos e dos territórios sagrados presentes até hoje.



---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**DDP-** Somos muitas e diversas, quais as particularidades e desafios das mulheres indígenas hoje?

**Elisa -** Há dois tipos de violência. Primeiro, a violência do Estado Brasileiro e da sociedade brasileira, que historicamente nega nossa presença. Desde a chegada do invasor até os dias de hoje. A história do Brasil é construída em cima de sangue negro, sangue indígena, de ciganos, dos povos camponeses e em cima do sangue das mulheres. É preciso fazer essa afirmação, não se combate um problema sem falar do assunto, sem trazer para a pauta do dia a raiz da questão. O grande desafio é lutar pelos direitos humanos, contra uma sociedade racista, que tem na sua cultura e no seu modo de pensar, esse racismo enraizado e suas consequências. Em segundo lugar, pensar nas mazelas do machismo e da violência doméstica. Eu acredito que isso tem que ser falado em todos os espaços públicos, se não, nossas meninas e mulheres continuarão a ser violentadas. As mulheres indígenas, negras, periféricas, LGBTQIA+ sofrerão mais, pois são vítimas de uma carga de preconceito maior. Esse debate precisa ir para os meios de comunicação, para os espaços de saúde, de educação. E também na luta pela agroecologia. A agroecologia que tem esse lugar de saberes populares, atrelados a saberes acadêmicos, um espaço de produção de conhecimento de várias vertentes, deve trazer essa pauta. É isso, o desafio tem origem na luta pelo território, pela terra, que é a mãe de todas as lutas...

**DDP -** Quais as violências que as mulheres indígenas sofrem ainda hoje?

**Elisa-** Nós mulheres, já estamos marcadas para morrer no ventre de nossas mães. Não estou exagerando quando afirmo isso. O feminicídio é apenas uma ação final, apenas "puxa o gatilho" de uma construção que vem durante toda a vida, de um histórico de violência. Toda essa construção passa pelo racismo, que tem cara, nome, ele é homem, branco, hétero, cristão, patriarcal e capitalista. O machismo e a violência contra a mulher são mazelas da colonização, o entroncamento patriarcal, que não explora só nossas mulheres e meninas, explora também os nossos homens e meninos (indígenas), deixando nos nossos territórios rastro de violência.

**DDP -** Em meio há tanto descaso, falta de políticas públicas e até genocídio contra os povos indígenas nos últimos anos no Brasil, como fica a situação das mulheres?



Acervo APOINME

**Elisa -** Por várias vezes, eu vou pontuar a questão do racismo, seja em terra Yanomami, Pataxós, Guaranis, Caiuás... Esse pensamento de que o outro é subalterno, que um grupo de pessoas é inferior, e portanto suas vidas não importam, tem um começo. O genocídio está em percurso há 523 anos. E isso se estendeu para todo o território do Brasil, e chegou, infelizmente, onde não devia chegar, que é no espaço onde se discutem políticas públicas. Então, nos últimos quatro anos, praticamente houve uma autorização ao genocídio. Como uma terra indígena tem 20 mil garimpeiros, 20 mil exploradores? Então, tem o viés do racismo, atrelado ao capitalismo. Como se estupra e mata uma menina de 12 anos? E não estou falando que foi um homem, foram muitos. Não são casos isolados, mas não vêm à tona. Por isso que eu falo sobre "trazer a pauta".

**DDP-** O que esperar do novo Governo Lula e do novo Ministério dos Povos Indígenas que tem à frente, no comando, a Sônia Guajajara? Dá pra esperar?

**Elisa -** Sim, nunca as mãos estiveram tão seguras como agora. Eu vi a posse ancestral, né? Esse "segurar as mãos" nesse momento, trouxe

esperança. Esse esperar nunca foi tão forte, não apenas para os povos indígenas, mas para todo o povo brasileiro, para as pessoas que foram deixadas para trás nestes quatro últimos anos. O "ninguém solta a mão de ninguém" tem sido mais significativo agora, em que os ministérios, dos Povos Indígenas, Igualdade Racial, Mulheres, e Direitos Humanos, junto com Educação, Saúde, vão trazer essa participação popular. O povo brasileiro está voltando ao seu lugar, nossa voz está voltando através dos nossos. Podemos dizer que estamos representados. E a Sônia Guajajara vem com a experiência junto aos movimentos indígenas, a vivência nos acampamentos Terra Livre, nas assembleias, na valorização da visibilidade da mulher indígena. É uma construção, um lançar sementes, não apenas para os indígenas, mas para o Brasil e para o mundo. Falamos da cura da terra não apenas para nós, mas para a humanidade.





# Desafios da mulher na ciência

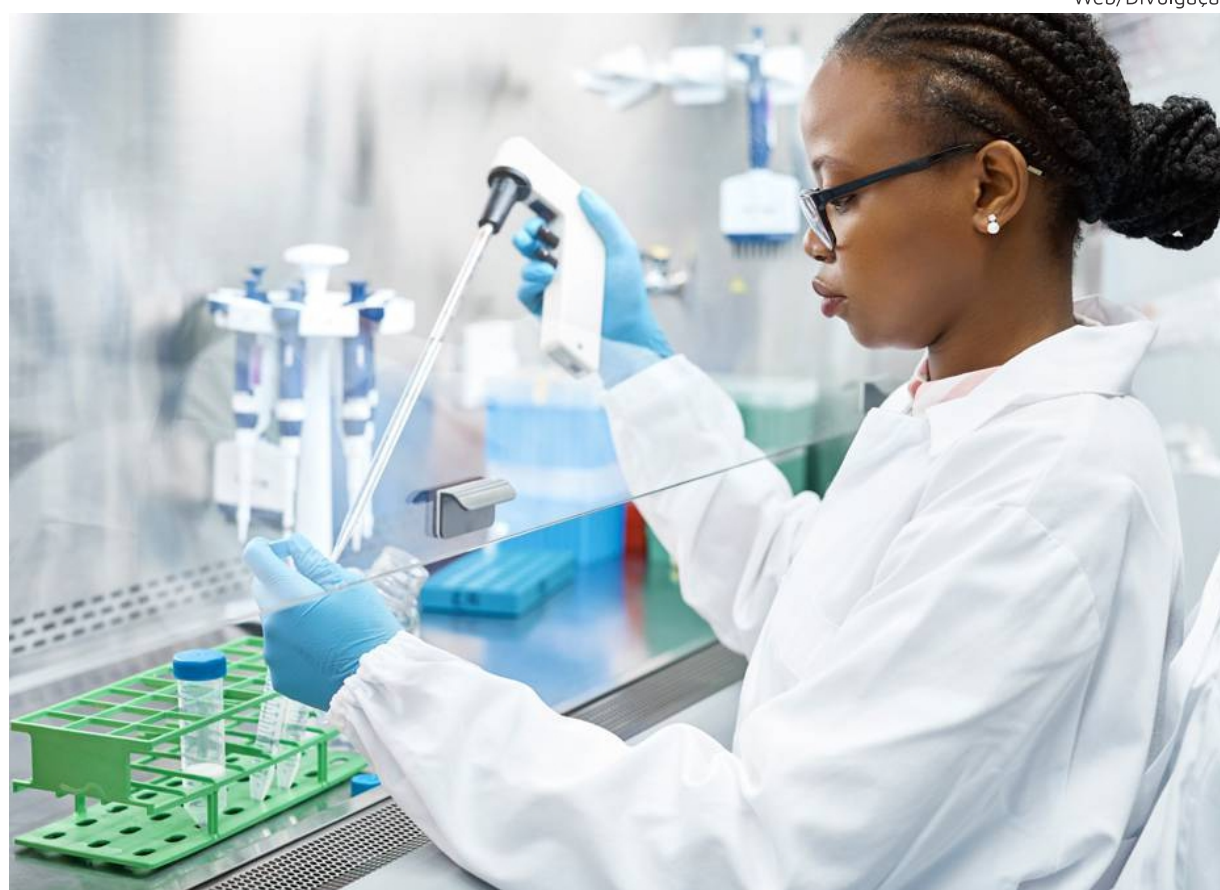
Por Paula Reis

Professora da Universidade Federal de Pernambuco,  
Doutora em Ciências da Comunicação, na área  
de concentração Processos Midiáticos.

**Q**uando penso no volume de conhecimento científico que a sociedade já produziu, penso no esforço da mulher para desbravar o mundo da ciência lutando contra todas as barreiras que a sociedade machista impôs a ela. Apesar da ciência parecer algo muito distante de grande parte da população brasileira, é bom lembrar que é feita por pessoas como quaisquer outras. E o mundo científico reflete os mesmos problemas estruturais da sociedade brasileira de desigualdade de gênero. As mulheres cientistas, assim como em todas as outras profissões, têm que administrar as demandas familiares e domésticas junto com as profissionais.

Historicamente, a mulher foi educada para a função do “cuidar”, enquanto o homem sempre foi o “dono do saber”. O processo de socialização das meninas estimula o papel de cuidadora pois os brinquedos são comumente a boneca e as miniaturas da casa com itens de cozinha, como panelinha, fogão, vassoura. As profissões de professora de educação infantil, merendeira, pedagoga, técnica de enfermagem, enfermeira são vistas ainda como prioritariamente femininas.

Já os brinquedos dos meninos estimulam uma vida de aventura e de conhecimento de máquinas. O carrinho, a bicicleta e as ferramentas proporcionam descobertas e aprendizado. Eles podem abrir as máquinas, aprender como funcionam por dentro! Desde bebês, imitam o som da aceleração do motor, que emoção! A eles não é solicitado tanto o cuidar do outro, o prestar atenção às necessidades do outro.



Web/Divulgação

Enquanto as atividades domésticas são uma “obrigação” das meninas, para os meninos podem ser somente um “favor” ou uma “ajuda”. Vivemos esse processo de naturalização dos estereótipos de gênero.

Estudar e pesquisar exigem disciplina, dedicação, concentração e muito isolamento. Ao mesmo tempo, o dia-a-dia da nossa sobrevivência também requer muito tempo de dedicação: administrar a casa, preparar as refeições, lavar a louça e a roupa, educar os filhos... Precisamos quebrar a ideia de que o trabalho doméstico é obrigação prioritária das mulheres e fazer uma

divisão de tarefas de forma justa com os homens, para possibilitar o avanço de mais mulheres nas pesquisas. Que bom que já conquistamos as mais diversas áreas do saber, com muito esforço e quebra de estereótipos, mas precisamos fazer mais por nós e por toda a sociedade.





# Semiárido e a luta das mulheres diante das mudanças climáticas

Protagonismo de mulheres quilombolas no Semiárido para garantir direitos e mitigar efeitos da crise do clima

Por Maria José de Souza Silva

Professora quilombola do Ensino Fundamental – graduada em Pedagogia, liderança comunitária, agricultora, mulher negra quilombola. Ativista dos movimentos sociais

Como sabemos que a maioria da população do Brasil e do mundo é de mulheres, então nos cabe dizer que sua maioria também é mulheres negras/as quilombolas que ocupam diversos espaços e setores no mercado de trabalho formal e informal incluindo as desempregadas, vivendo de assistências e programas sociais do Governo Federal. As mulheres são as mais afetadas com as desigualdades sociais e mais ainda com o momento de crise sanitária da COVID-19 que o Brasil vem sofrendo, principalmente as mulheres do Semiárido nordestino, que sofre com a falta de emprego e renda, falta de chuvas para suas produções agroecológicas e o consumo humano, muito já foi feito, mas precisamos ampliar as políticas públicas que cheguem nesses grupos de mulheres chefes de famílias, vítimas dos efeitos das desigualdades desse país.

Sabemos dos potenciais feminino quando se trata de cuidar e ser cuidadora da família, muitas vezes esquecendo-se de si para se doar aos cuidados dos seus familiares e empregos em casa de famílias, limpando as vias urbanas, cuidando de seus pequenos negócios, sempre procurando estratégias de sobrevivência para conseguir uma vida melhor. Encontramos várias organizações, grupos, estabelecimentos organizados e gerenciados por mulheres que estão dando certo.

O fortalecimento desses grupos é de suma importância para a sustentabilidade de suas famílias e para o capital de giro local, gerando

Fábio Erdos/Acervo Centro Sabiá



uma economia local que não é contabilizada nos gráficos governamentais do país, a renda gerada pelas mulheres.

Vale explicitar o contexto onde essas mulheres estão inseridas na sociedade, grau de estudos e formas de vida, que continuam a realizar suas atividades para reafirmar sua presença e as diversas formas de trabalho. São mulheres negras, mulheres indígenas, mulheres agricultoras, ribeirinhas, quilombolas e tantas, que fazem esses pais acontecer com suas contribuições.

Falar das mulheres nesse território requer um olhar especial, pois estamos falando de uma diversidade de mulheres que compõem um território castigado por diversas ações climáticas

que as fazem ser diferentes com direitos iguais.

As mulheres quilombolas do semiárido em específico tendem a enfrentar com mais dificuldades as relações climáticas, causando um impacto muito grande na sua vida. No enfrentamento às secas, a falta de água, que mesmo com a construção de cisternas de placas, essa demanda ainda é muito forte no Sertão nordestino. Necessitando a continuidade dessa política pública para atender as novas famílias que irão se constituindo ao longo dos anos. Este programa pela sua importância para o Semiárido, deve voltar a ser uma política de estado, para que cada família tenha seu direito garantido por lei.



DOE AGORA E  
TRANSFORME VIDAS



Por **Adriana Raimunda**

Agricultora urbana, assessorada pelo Centro Sabiá, na Horta Vila Independência, em Nova Descoberta, Zona Norte do Recife.

Arquivo Pessoal



**Meu nome é Adriana Raimunda e sou daqui do projeto da Horta Vila Independência. Esse projeto pra mim é muito importante. Quando comecei a participar estava com um início de depressão, que nem eu sabia e no contato com a terra, vi o tanto que ela poderia fazer bem para mim. Esse projeto vem me ajudando muito, pois além de me ajudar a superar esse problema, eu tenho conhecido pessoas maravilhosas, e visto conhecimento que eu não sabia e eu to começando a aprender, então isso pra mim é muito importante. Até então eu tinha pouco conhecimento, por exemplo, como plantar as sementes e como elas crescem, tenho aprendido muito mesmo e vou colocar na prática no dia a dia. Na minha casa tem um terreno grande, e já estou pensando em plantar lá, tomate, cebola... Porque na horta eu tenho aprendido como fazer e aqui eu tenho aprendido como cuidar das plantas. Porque as plantas têm aquele toque especial, quando você cuida dela ela "fala" conosco também, ela "pede" muitas vezes para a gente molhar, regar ela. Eu não entendia assim, isso aí, e aqui eu aprendi, agora faço isso no meu dia a dia.**



# Meninas e Mulheres Jovens e os desafios na construção do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais de Pernambuco MMTR/PE

Por **Anna Paula da Silva**

Coordenadora Geral do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais de Pernambuco MMTR/PE



Helder Tavares / TDH Schweiz

**O** MMTR/PE atua como resistência a todo processo de opressão que nega emancipação e cidadania, que vulnerabiliza e exclui meninas e mulheres jovens rurais, ao mesmo tempo, que as compreende e defende como sujeitas políticas e de direitos. Entende, portanto, que a construção da luta, das estratégias de reivindicação, incidência e participação devem se dar não apenas para, mas sobretudo com as juventudes, sujeitas diretamente implicadas nos processos de transformação das suas vidas e entorno.

Compreendemos que a juventude é uma fase de transição na vida humana e quando deixamos de ser crianças e nos preparamos para adentrar a vida adulta. Cientes que este processo é um grande desafio para meninas e jovens mulheres rurais, pois é, neste período da vida, que grandes desafios são enfrentados. Entre estes, temos, o patriarcado apontando qual os lugares a serem ocupados por elas, atuando na limitação e impedimento da participação social das mulheres jovens, as diversas

formas de violência, o não acesso a políticas públicas que garantam uma vida digna, limitando dessa forma o livre exercício de sua cidadania plena. Meninas e jovens mulheres são uma presença marcante na vida do MMTR/PE, estão inseridas, em nossas, ações desenvolvidas, como projetos, a exemplo do "Educação das Meninas Rurais de Pernambuco", apoiado pelo Fundo Malala, nos anos de 2020 a 2022, cujas meninas de 12 a 19 anos estiveram na centralidade. Em iniciativas como esta, há empenho em garantir processo constante de escuta e promoção de instâncias de discussão e de aprofundamento junto a essas sujeitas – que também participam, das Assembleias Anuais do MMTR/PE e são inseridas nas atividades nos territórios – debates, incidências, formação das bases.

Entretanto, há hoje no Movimento a compreensão e o empenho de ampliar a participação de meninas e jovens mulheres, tornando-a mais orgânica ao fazer político e às ações do MMTR/PE. A perspectiva é fruto tanto do reconhecimento de que elas podem construir o Movimento agora, quanto da premissa de formação de liderança e empoderamento político como processo, prática viva e cotidiana. O MMTR/PE tem buscado promover o fortalecimento e formação de meninas não para uma atuação num porvir, no futuro apenas, mas no lugar das lutas abarcadas pelo Movimento, nos espaços que ocupa e constrói hoje. Enquanto movimento estamos cientes que os desafios são imensos, mas temos dado a nossa contribuição e buscamos cotidianamente a ampliação da participação política das meninas e jovens mulheres rurais.



O jornal Dois Dedos de Prosa também está disponível para leitura na versão mobile. Baixe agora em nosso site: [www.centrosabia.org.br](http://www.centrosabia.org.br)

